

EFEITOS ARGUMENTATIVOS DE UM “BILHETE DE AMOR”*

CLAUDIA MENDES CAMPOS

(UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GRUPO DE PESQUISA EM AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM)

ABSTRACT *One may say there is argumentation when a speaker tries to impose a conclusion to the listener by presenting a reason, divided into an argument and a law, which is exterior to language and is responsible by the “leap” from argument to conclusion. Ducrot (1988), however, postulates that argumentation is within language. The argumentative value is part of the utterance: the argumentative principles – topoi – are inside the utterance and they are responsible by its orientation towards conclusion. Nevertheless, argumentation in child writing has not the same statute it has in adult speech or writing. This paper proposes therefore an analysis procedure that includes the singularities of the child’s text and seeks its specificity regarding argumentative discourse; at the same time, it understands argumentation as a counterpoint to language adrift [dérive], which guarantees meaning and integrity to textual and discursive sequences (Pereira de Castro, 2002). So, it analyzes a text produced by a six-year-old child, a “love note”. Based on Riffaterre (1989), this paper discusses the elements that constitute text argumentation: slips of language and discourse, parallelisms, clichés, interpretation by retroaction, in brief effects of argumentation promoted by text. Argumentation in written text is then understood as a tension between cohesion and rupture.*

1. A ARGUMENTAÇÃO

De acordo com a *Encyclopédie Philosophique Universelle*¹, há argumentação quando um falante tenta impor uma *conclusão* a seu interlocutor através da apresentação de uma *razão*, que se decompõe em um *argumento* e uma *lei*, sendo esta a responsável pelo “salto” do argumento para a conclusão. Devido a seu estatuto lingüístico e cognitivo, entende-se que a lei e a conclusão podem ficar subentendidas, já que a lei é composta por um conhecimento comum aos falantes, uma “verdade” do senso comum, um princípio organizador do mundo, e a conclusão é decorrência da relação entre a lei e o argumento, podendo ser produto de uma inferência permitida por essa relação. Ao contrário, o argumento raramente deixa de ser explicitado, uma vez que funciona como o gatilho desencadeador da conclusão. Vejamos o exemplo da enciclopédia:

* Uma versão preliminar deste texto foi apresentada no *Congreso La Argumentación*, em Buenos Aires, em julho de 2002.

¹ Jacob, 1990.

(A): Você é amigo de espões

(C): Você é um espão

(L): “Diga com quem andas que direi quem és”²

Segundo essa perspectiva, tal seqüência argumentativa corresponderia à apresentação de uma lei (um princípio geral comum aos falantes – [L]), que somada a um argumento (uma informação específica sobre um estado de coisas do mundo, um fato – [A]), formaria a razão responsável pela conclusão [C]. Isto é, o argumento contém um fato e se constitui na apresentação de uma razão; o fato implica a conclusão por via lógica, psicológica, sociológica, nunca lingüística.

Ducrot (1988; 1989), no entanto, considera a lei que na perspectiva da *Encyclopédie* permite o salto do argumento para a conclusão como externa à linguagem. Deste ponto de vista, o movimento argumentativo ocorreria independentemente da língua e, como foi dito anteriormente, o fato implicaria a conclusão por vias outras que não a lingüística. Para o autor, não existe relação de implicação entre o fato e a conclusão; para ele “a argumentação está na língua” (1989, p. 16). Na teoria dos *topoi* argumentativos, o valor argumentativo é parte constitutiva do enunciado – os *topoi*, isto é, os princípios argumentativos responsáveis pela orientação dos enunciados em direção à conclusão, são trazidos para dentro do enunciado. Através da noção de *topos* a teoria traz para dentro da língua aquilo que antes se entendia como princípios argumentativos externos. Trata-se de princípios argumentativos convocados pelo enunciado que apresentam três características básicas: a “universalidade” (segundo a qual o *topos* é compartilhado por toda uma coletividade, ou pelo menos por enunciador e destinatário), a generalidade (segundo a qual o *topos* se aplica a um grande número de situações, não apenas a do momento em que se fala) e a gradualidade. Segundo Ducrot, a gradualidade é a mais importante das propriedades dos *topoi*; ela relaciona duas escalas de tal forma que o movimento em uma delas implica movimento também na outra. Em um exemplo como *O tempo está bom, vamos à praia*, o *topos* seria aquele que relaciona a escala do *tempo bom* e a escala do *prazer* de tal forma que os movimentos ocorridos em uma condicionam os movimentos da outra. Assim, quanto melhor o tempo estiver, mais prazer causará a ida à praia; quanto pior estiver o tempo, menos prazer proporcionará a praia. Isto é, se o valor apresentado em uma das escalas é alterado, o valor presente na outra também o será. Em outras palavras, o *topos* é considerado o intermediário entre o argumento e a conclusão.

Contudo, embora se reconheça na escrita infantil traços daquilo que se descreve tanto nas hipóteses da *Encyclopédie* quanto nas de Ducrot, não se pode atribuir a ela o mesmo estatuto da argumentação na fala/escrita do adulto. Por outro lado, embora este trabalho não se afaste da idéia de que a argumentação está na língua, diverge de Ducrot no que diz respeito ao conceito de língua que subjaz seu ponto de vista. Ao desenvolver a teoria dos *topoi* argumentativos e sustentar que a argumentação é parte da língua, Ducrot considera a língua como um “conjunto de frases” e o valor argumentativo como parte de determinados itens lexicais. Não há espaço em sua concepção de língua para a deriva lingüística, para o

² No original: “(A): Vous fréquentez des espions; (C): Vous êtes un espion; (L): Qui s’assemble se ressemble.” (Jacob, 1990, p. 157; tradução minha).

imprevisível, para o efeito de dispersão a que está sempre sujeita a linguagem. Assim, é possível afirmar que, do ponto de vista dessa teoria, a argumentação é determinada pelos *topoi* atuantes na frase, surtindo assim um efeito de cristalização sobre a argumentação. Isto é, a partir dessa perspectiva, são de antemão excluídos todos os casos de dispersão – todas as situações em que, embora haja um efeito de argumentação, não se pode estabelecer uma relação bem definida entre argumento e conclusão, ou os passos que levam de um a outro.

Para o interacionismo – perspectiva teórica em que este trabalho se desenvolve – o todo da linguagem é sempre passível de sofrer efeito de dispersão. Segundo Pereira de Castro (2001), a heterogeneidade e a imprevisibilidade não são características apenas da fala da criança: conforme postula Pêcheux (1990, p. 53), “*tudo enunciado, toda seqüência de enunciados é [...] lingüisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação*”. A argumentação funciona, de acordo com Pereira de Castro, como um contraponto à deriva à qual está submetida a linguagem. Ao resistir à dispersão, a argumentação constitui o sentido, “dirige o diálogo ou o texto” (op.cit.).

A deriva, todavia, não deixa de se impor também na argumentação. A imprevisibilidade é uma possibilidade também no encadeamento, também na argumentação (op.cit.). Na medida em que a liberdade de escolha do falante está no eixo associativo, a deriva pode sempre se instaurar nesse espaço. No entanto, é no sintagma que o espaço se abre; por entre as restrições impostas pela língua, o encadeamento pode sempre se abrir em qualquer ponto da cadeia dando espaço para a entrada de outros elementos da “constelação” associativa (Saussure, 1989, p. 146) – nas palavras de C. Lemos (1995, p. 15), “(...) a estratificação da cadeia em palavras ou em frases corre sempre o risco de se desfazer e de se refazer”.

A presença de um conectivo na cadeia abre espaço para a argumentação, ou para o efeito argumentativo produzido pelo conectivo e pela sua relação com os elementos que preenchem os espaços abertos. Na escrita da criança, com frequência as cadeias são desfeitas e refeitas, com elementos insólitos entrando nos espaços abertos pelo conectivo – contudo, o efeito de argumentação permanece, constituindo sentido(s) através da resistência à dispersão.

Riffaterre (1989), em trabalho que discute a produção do texto poético, pode iluminar a reflexão sobre o modo de funcionamento do discurso argumentativo no texto da criança. De acordo com ele, os fatos literários podem ser estudados segundo as características próprias da obra, visando compreender o *comportamento da linguagem* na obra literária, como o fazem os analistas textuais. Da mesma forma, pode-se analisar a argumentação na escrita da criança procurando compreender as *especificidades do seu funcionamento*. Para o autor, “o problema essencial que a obra de arte verbal apresenta ao lingüista é o da *literariedade*” (id., *ibid.*, p. 3), noção que se define a partir da idéia de um emprego peculiar da linguagem, de um efeito de estranhamento³ provocado pelo texto, através dos mecanismos

³ Este termo remete à definição de literariedade dos formalistas russos. Ver principalmente V. Erlich, *Russian Formalism*, Mouton: Haia, 1955, p. 146.

e recursos disponíveis na linguagem. Segundo Jakobson (1921, p. 11 *apud* Schnaiderman, 1970)⁴, literariedade seria “aquilo que torna determinada obra uma obra literária”. Ou seja, é a unicidade do texto – sua singularidade, aquilo que destoa, que difere, que surpreende. No estudo da argumentação na escrita da criança, é o estranhamento provocado pela singularidade, pela unicidade do texto, pela entrada de elementos insólitos nos pontos da cadeia abertos pela estrutura argumentativa, que torna visível o submetimento da criança ao funcionamento da linguagem. Ora, a fala/escrita da criança é esteticamente apartada da palavra do poeta, de quem (ao contrário da criança) se pode falar em um (re)conhecimento da diferença, da ruptura entre o fazer poético e a linguagem do cotidiano. Por outro lado, não se pode falar em literariedade, nos termos de Riffaterre, em relação à linguagem infantil. No entanto, embora sejam essencialmente distintos os efeitos produzidos pela singularidade na linguagem do poeta e na linguagem da criança, esta é uma característica central em ambos os casos – na linguagem do poeta, é o efeito do estranhamento produzido pelo texto que constitui sua literariedade; na linguagem da criança, o estranhamento provocado pela presença de “enunciados insólitos” e de “arranjos desconcertantes” (Pereira de Castro, 1997, p. 128) torna visível o caráter singular da sua argumentação.

O procedimento descritivo proposto por Riffaterre (op. cit.) para a análise da poesia parece adequar-se à análise do texto da criança. Para ele, a unidade de estilo⁵ não pode ser obtida através de uma “segmentação normal” que leve a unidades como a palavra e a frase – a unidade literária seria um conjunto de palavras ou frases agrupadas por *critérios outros que não o das relações sintagmáticas* (id., p. 7). Segundo ele, “*é preciso recorrer a uma segmentação da seqüência verbal diferente da que é utilizada pela lingüística*” (id.). Há, por exemplo, determinadas regras que sustentam suas análises: a *sobredeterminação*, a *conversão* e a *expansão*. Particularmente os processos de atualização de clichês e de variação a partir de uma matriz têm se mostrado relevantes para a análise da argumentação na escrita infantil. Ainda que assim não os nomeie, o modo de funcionamento identificado por Riffaterre nos poemas que analisa são processos metafóricos e metonímicos, procedimento de análise que se mostra fecundo para o estudo da escrita infantil. Para Lemos ([1992]1998; 1997), os processos metafóricos e metonímicos são mecanismos responsáveis pela mudança na relação da criança com sua língua durante a aquisição da linguagem, são processos que permitem compreender as mudanças de posição na língua por que passa a criança. A autora assim os define a partir do gesto de Jakobson (1988) de atribuir a tais processos um caráter explicativo dos tipos de afasia e ao mesmo tempo do *funcionamento da linguagem*. Trata-se de processos que descrevem e explicam as mudanças que ocorrem na fala/escrita da criança em seus variados aspectos – mudanças que ocorrem no interno da linguagem e que não se atribuem a fatores externos.

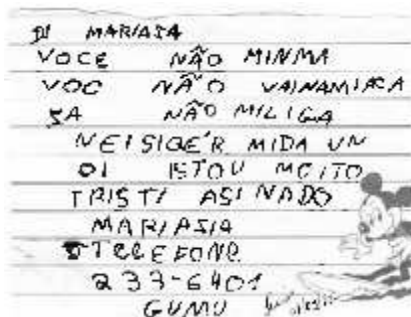
Na medida em que se considera a argumentação como um contraponto à deriva lingüística, procederei à análise de um dado em que esse fenômeno se dá a ver. Embora

⁴ Ver também Toledo (1976), Erlich (1955) e Eagleton (1997).

⁵ Unidade de análise.

também na argumentação haja dispersão, não é este o foco do meu olhar neste momento. Passemos à análise do dado em questão: um texto argumentativo escrito por uma criança, um “bilhete de amor”.

2. A ARGUMENTAÇÃO NO “BILHETE DE AMOR”



Este texto é parte do corpus que compõe meu objeto de estudo no doutorado – trata-se do conjunto de textos escritos por Luisa entre 5 e 10 anos de idade, tanto em casa como na escola. Esta produção em particular foi produzida aos seis anos de idade (6;00.13), em situação familiar. Ela pode ser lida da seguinte maneira: “*De Mariazinha. Você não me ama, você não vai na minha casa, não me liga, nem sequer me dá um oi, estou muito triste. Assinado Mariazinha Telefone 233 6401 João*”. Luisa e uma amiga brincavam fazendo os papéis de namorados e trocando bilhetes entre si – ela faz o papel de “Mariazinha” e Caroline, sua amiga, o de “João”⁶.

O efeito de argumentação deste texto persiste apesar da ausência de um conectivo como *portanto* a interligar as quatro primeiras sentenças e a última, explicitando a relação entre elas. Reconhecemos nele uma estrutura argumentativa, que vem como efeito do todo do texto.

Neste “bilhete de amor”, há estruturas paralelísticas organizadas de forma tal que o efeito é argumentativo. O paralelismo é um fenômeno sintático em que as estruturas gramaticais e lexicais ora se repetem em cadeias sucessivas, ora se substituem, ora estão elípticas, em um movimento metafórico no qual, segundo Lier-de-Vitto, as substituições se dão “*in praesentia*”, através de “**relações entre elementos concretos presentes** [que] antecipam as relações de elementos concretos ‘*in absentia*’” (1994, p. 149; grifo da autora). Jakobson (1970) sustenta que os sistemas paralelísticos precisam ser tratados levando-se em conta seus “*significados gramaticais e lexicais*” (op.cit., p. 70), ou seja, o autor propõe uma “*análise sistemática*” das estruturas sintáticas e categorias gramaticais retomadas e repetidas, dos aspectos sintáticos, morfológicos, lexicais e semânticos equivalentes e

⁶ Este é o primeiro de uma série de três bilhetes trocados. Sem desconsiderar a relevância do diálogo existente entre eles, porém considerando os objetivos desta exposição, não discutirei a relação entre os três textos neste momento.

discrepantes entre as cadeias que se sucedem – enfim, todos os fenômenos de contigüidade e de similaridade contidos no texto precisam ser discutidos.

Para Jakobson, as regras classificatórias da língua são de grande importância no *estudo da arte verbal*. Ora, se o tema da nossa reflexão neste trabalho não é a escrita do poeta, mas aquela da criança, por que então fazer referência à discussão de Jakobson sobre o paralelismo na arte verbal? Não se trata de passar da escrita do poeta à da criança, como se houvesse equivalência entre esses fenômenos. Como bem lembra Bernardes, “criança e poeta ocupam posições diferentes face à escrita e os erros e/ou construções singulares da escrita inicial [...] podem produzir efeitos poéticos em função da contingência, do próprio funcionamento da língua, e não de uma exploração, pela criança, dos recursos lingüísticos” (2002, p. 133, grifo meu). No entanto, ainda que a linguagem da criança e a do poeta sejam essencialmente diferentes entre si, a reflexão sobre esta pode iluminar a compreensão daquela.

No texto de Luisa, como se pode ver acima, a estrutura sintática e determinadas categorias gramaticais⁷ se repetem. O sujeito é realizado por um pronome de segunda pessoa nas sentenças 1 e 2 e, embora esteja elíptico nas demais, é também da segunda pessoa do discurso. Por outro lado, os verbos são todos transitivos e estão no presente do indicativo. Além disso, todos os verbos compõem construções negativas e o elemento negativo é anterior ao verbo. Por fim, em todos os complementos há um pronome de primeira pessoa. **O paralelismo produz um efeito de acumulação**, que se “consolida” com a presença de *nem sequer* na quarta sentença, e assim *a ausência de amor, de visitas, de telefonemas e de cumprimentos* ganha o estatuto de argumento no texto.

- | | | | | | |
|----|------|------------|----|-------|----------------|
| 1) | você | não | me | ama; | |
| 2) | você | não | | vai | na minha casa; |
| 3) | Ø | não | me | liga; | |
| 4) | Ø | nem sequer | me | dá | um oi. |

C. Lemos (2000), em texto sobre o paralelismo na fala da criança, atribui às seqüências paralelísticas uma semelhança com o erro, naquilo que este revela dos processos metafóricos na linguagem da criança: ambos se dão a ver “como **diferença** na sucessão de cadeias cuja estrutura é a **mesma**” (op.cit., p. 7, grifos da autora). No entanto, a direção da discussão conduzida por Lemos no referido artigo aponta para enunciados em que “a semelhança entre as cadeias que se sucedem e a diferença entre os termos que nelas são substituídos criam [...] um movimento de deriva que tende a desfazer o sentido prestes a se constituir e impede seus possíveis efeitos referenciais” (id., ibid.). Ora, no texto de Luisa os sentidos não se desfazem, o paralelismo não leva à dispersão – justamente porque a argumentação conduz os sentidos, ou melhor, produz um efeito de sentido. Percebemos aqui o funcionamento da argumentação como contraponto à deriva: ao resistir à dispersão, a

⁷ O uso de categorias lingüísticas na análise representa apenas o ponto de vista do analista. Não quer dizer nem que a criança as conheça nem que as domine.

argumentação constitui o sentido, “dirige [...] o texto” (Pereira de Castro, 2001). A deriva é contida, o que se vê são os efeitos dos processos metafóricos atuantes no paralelismo e nas substituições que relevam deles, constituindo sentidos no movimento de articulação e retroarticulação.

A primeira parte do texto, discutida há pouco, somente constitui argumentos de uma conclusão no todo do texto, no movimento de retroarticulação, que, “seguindo na direção oposta àquela do encadeamento linear da articulação, [...] é o movimento de retorno que produz unidades distintas da somatória dos termos que a compõem, ou seja, todos que não são idênticos à soma de suas partes” (Bernardes, op.cit., p. 42). Nesse movimento, a quinta e última seqüência – “*estou muito triste*” – ecoa como conclusão extraída das anteriores, que se constituem em razões para a conclusão. Esse processo se equipara ao *decalque* (processo descrito por Riffaterre, 1989), em que ocorre a adaptação de um clichê ao universo de um determinado texto através da transformação de uma frase mínima. Isto é, altera-se a forma de um clichê adaptando-o ao universo de formas e sentidos do texto em que ele aparece. No bilhete de Luisa, poderíamos supor que o clichê em jogo seria “*sem amor, só há tristeza*”. Veríamos então a sua transformação em um texto argumentativo, que justifica a tristeza do enunciador – a primeira parte da frase mínima (*sem amor*) adapta-se à forma de uma razão (*a ausência de amor, visita, telefonema e cumprimento*), e a segunda (*só há tristeza*) adapta-se à forma de uma conclusão (*estou muito triste*), em um processo que é também metafórico, ou seja, irrompem na cadeia, sempre nas mesmas posições, elementos cuja latência é a do clichê em questão.

Simultaneamente à alteração que se opera com o *decalque*, ocorre no texto um processo de *expansão*⁸ (também descrito por Riffaterre, op. cit.), em que os componentes de uma frase mínima geram formas mais complexas. Por um processo metonímico, a frase mínima *você não me ama* se expande, gerando as três sentenças que se seguem a ela: *você não vai na minha casa, não me liga, nem sequer me dá um oi*. Por um processo metafórico, os sentidos deslizam, visita, telefonema e cumprimento ressoando como amor. A ausência de amor é representada de modo verossímil para os sentidos, quando se expressa através da ausência de uma visita, um telefonema ou mesmo de um simples cumprimento. Dramatiza-se a ausência de amor, explicando-a através das expansões. Assim, além do efeito argumentativo já demonstrado – aquele que se constrói sobre o paralelismo gramatical que conduz a uma conclusão – há também a explicação da ausência de amor: à negação do amor do destinatário seguem-se outras negações que, dramatizando a primeira, explicam-na.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDES, A.C.A. (2002). *Pontuando alguns intervalos da pontuação*. Tese de doutorado, IEL / Unicamp, Campinas, SP.

⁸ Uma das diferenças fundamentais entre o *decalque* e a *expansão* é que aquele processo se dá no paradigma e este no sintagma.

CAMPOS – Efeitos argumentativos de um

- DUCROT, O. (1988). *Polifonia y Argumentacion*. Cali: Universidad del Valle.
- _____. (1989) Argumentação e 'topoi' argumentativos. In: GUIMARÃES, Eduardo (Org.) *História e sentido na linguagem*. Campinas: Pontes.
- JACOB, A. (1990). (Dir.) *Encyclopédie Philosophique Universelle*. V. 2, tome 1 (p.157) - Les notions philosophiques: dictionnaire - Philosophie occidentale: A-L. Paris: Univ. de France.
- JAKOBSON, R. (1921). *Noviéichaia rúskaia poésia – nabrossok piérvi* (A novíssima poesia russa – esboço primeiro) Praga: Tipografia A Política
- _____. (1970). Poesia da gramática e gramática da poesia. *Lingüística. Poética. Cinema*. São Paulo: Perspectiva.
- _____. (1988). Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. *Lingüística e comunicação* – 13ª ed. São Paulo: Cultrix.
- LEMOS, C.T.G. Os processos metafóricos e metonímicos como mecanismos de mudança. *Substructum: temas fundamentais em psicologia e educação*. Vol. 1, nº 3, pp.151-172; trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, [1992] 1998.
- _____. (1995). Língua e discurso na teorização sobre aquisição de linguagem. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 30, nº 4, pp. 9-28.
- _____. (1997). Processos metafóricos e metonímicos: seu estatuto descritivo e explicativo na aquisição da língua materna. Trabalho apresentado na *The Trento Lectures and Workshop on Metaphor and Analogy*; organizado pelo Instituto per la Ricerca Scientifica e Tecnologica Italiano em Povo.
- _____. (2000). Sobre o paralelismo, sua extensão e a disparidade de seus efeitos. Trabalho apresentado no *V Encontro Nacional e I Encontro Internacional sobre Aquisição de Linguagem*, na PUCRS, em Porto Alegre.
- LIER-DE-VITTO, M.F. (1994). *Os monólogos da criança: "delírios da língua"*. Tese de doutorado, IEL/Unicamp, Campinas, SP.
- PÊCHEUX, M. (1990). *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes.
- PEREIRA DE CASTRO, M.F. (1997). A interpretação: a fala do outro e a heterogeneidade da fala da criança. *Letras – Revista do Mestrado em Letras da UFSM – RS*, p.125-138, janeiro/junho.
- _____. (2001). A argumentação na fala da criança: entre fatos de língua e de discurso. *Lingüística*, v. 13, pp. 61-80. Associação de Lingüística e Filologia da América Latina (ALFAL).
- RIFATERRE, M. (1989). *A produção do texto*. São Paulo: Martins Fontes.
- SAUSSURE, F. (1989). *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix.
- SCHNAIDERMAN, B. Prefácio a TOLEDO, D.O. (org.) *Teoria da literatura: formalistas russos*. 2ª ed. Porto Alegre: Ed. Globo, [1970] 1976.